

Olavo Bilac

Patrono do Serviço Militar

Gen R/1

Dr. OLYNTHO PILLAR

I. DADOS BIOGRAFICOS

Histórico — Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1865. — Príncipe dos Poetas Brasileiros — Falecido a 28 de dezembro de 1918.

Cursos — Primário no Colégio São Francisco de Paula, do Cônego Belmonte. Secundário no Colégio Vitório. Superior na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (curso médico até 5.^a série 1880 — 1884); na Faculdade de Direito de São Paulo (como ouvinte: 1887 — 1888).

Profissões — Professor, jornalista, escritor, (contista, romancista, conferencista, orador e poeta).

Atividades jornalísticas — Diretor do *Diário Mercantil* e da *Vida Semanária*, da qual foi fundador. Fundador e Diretor de *A Rua*. Colaborador efetivo da *Gazeta de Notícias*. Redator da *Cidade do Rio*, depois secretário. Colaborador constante de *A Notícia*, *Gazeta Acadêmica*, *A Semana*, *O Estado de São Paulo*.

Funções Públicas — Inspetor escolar (1899). Integrante da comitiva presidencial à República Argentina (1900). Secretário-Geral da 3.^a Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro (1906). Secretário particular do Prefeito do Distrito Federal (1907). Secretário do Governador Portela, do Estado do Rio de Janeiro (1908). Delegado do Brasil junto à 4.^a Conferência Pan-Americana, em Buenos Aires (1910). Orador oficial na inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1909). Propugnador oficial do Serviço Militar obrigatório e dos Tiros de Guerra (1915 — 1917).

Títulos — Fundador e Membro da Academia Brasileira de Letras. Membro honorário da Academia de Ciências de Lisboa (1916). Fundador e Presidente da Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Fundador da Liga de Defesa Nacional (1916).

Obras — *Poesias*, São Paulo, 1888; *Crônicas e Noveletas*, Rio 1894; *Sagres*, poemeto, Rio 1898; *Terra Fluminense*, em colaboração com Coelho Neto, Rio, 1898; *Criticas e Fantasias*, Lisboa, 1904; *Poesias Infantis*, Rio, 1904, em colaboração com Coelho Neto; *Conferências*

Literárias, Rio 1906; *Tratado Versificação*, em colaboração com Guimarães Passos, Rio, 2^a ed., 1910; *Ironia e Piedade*, Rio 1916; *A Defesa Nacional — Discursos* (Coletânea de suas patrióticas orações a propósito do movimento cívico da nacionalidade, de que resultou a adoção do serviço militar obrigatório), Rio, 1917; *Tarde*, Rio, 1919; *Últimas Conferências e Discursos*, Rio, 1924; *Contos Pátrios*, Rio, 1894, e *Pátria Brasileira*, Rio, em colaboração com Coelho Neto; *Livro de Leitura, Através do Brasil* (romance infantil) e *Livro de Composição*, Rio, 1899, todos em colaboração com Manuel Bonfim; *Guide des Etats Unis du Brésil*, em colaboração com Guimarães Passos, e, em opúsculo, uma conferência sobre Bocage e outras avulsas. Dois outros romances: *Sanatorium*, sob o pseudônimo de Jaime D'Ataide; e, *Paula Matos e Esqueleto*, co-autor, sob o pseudônimo comum de Vitor Leal.

Poemas, atualmente reeditadas, enfeixam *Panóplias*, *Via Láctea*, *Sarcas de Fogo*, *Alma Inquieta*, *As Viagens*, *O Caçador de Esmeraldas* e *Tarde*.

Festa do Reservista — 16 de dezembro — Dia do Reservista — Decreto-lei n.º 1.908, de 26 Dez 39.

Patrono do Serviço Militar — Decreto n.º 58.222, de 19 Abr 66.

2. O PATRONO

Pacifista por índole, foi o Brasil, entretanto, forçado a revistar, com energia a insólita agressão do ditador paraguaio Solano López, declarando guerra, no inicio do ano de 1865, àquela nação sul-americana, beligerância que se arrastou por longo lustro, no qual foram ceifadas preciosas vidas.

Do vastíssimo teatro de operações sairam milhares de intrépidos mutilados e, para toda a parte, a deplorável miséria, a fome e o luto.

Se o fogaréu da guerra se alastrava indômito pelos campos sulinos do país, consumindo-lhe as riquezas, menor não era o entusiasmo patriótico que sacudia a alma popular, de norte ao sul do Brasil solo, carreando para os quartéis a mocidade infrene, ávida de contribuir também com seu auxílio para a imediata derrota do inimigo.

Em breve, este espontâneo alistamento atingiu o apogeu: eram, pois, sem conta, os batalhões de Voluntários da Pátria que se organizavam e partiam incontinenti e convictos a perseguir aquele nobre intento.

No Rio de Janeiro, na elegante Rua do Ouvidor, a caminho de São Paulo, retornando do Recife, onde estudara, a poesia fogosa de Castro Alves, declamada por seu próprio autor para a multidão em delírio, de uma das janelas do Diário do Rio de Janeiro; no Nor-

deste, Tobias Barreto, ao despedir-se dos voluntários pernambucanos, profere, no Teatro Santa Isabel, patriótica oração; por todos os cantos, o mesmo entusiasmo avassala os espíritos dos briosos brasileiros...

Dentre esses batalhões, também foi o da Polícia da Corte, os antigos permanentes, criada para manter a ordem e o asselo das artérias urbanas, em cujo quadro de oficiais ingressava como cirurgião o Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac, médico balano, havia pouco diplomado naquela província.

(Este o oportuno lanço para que se revele a origem do nome — Bilac — inventado pelo novel facultativo, simples corruptela da alcunha familiar que os íntimos lhe deram: *bilhaco*, algo parecido com trocista, bem humorado. Desejando distinguir-se de um seu conterrâneo homônimo, adotou esse eufônico sobrenome, fazendo-o registrar para os efeitos legais. É mito, portanto, a ascendência francesa que alguns lhe prestam...)

O ilustre operador, que já era casado com D. Delfina Belmira, sua coestaduana e possuía uma filhinha Cora, foi na unidade a que pertencia transformada em julho, no 31º Batalhão dos Voluntários da Pátria, no posto de major em comissão, a destino, os tremedais de Tuluti, lançando-se às afanosas lides profissionais. E bem nelas se empenhava a ponto de merecer citas elogiosas nas “Ordens do Dia” quando recebe alvissareira nova: o nascimento de seu filho, na manhã de 16 de dezembro, no sobradinho sito na Rua da Vala, hoje Uruguaiana, entre a Rua do Ouvidor e a Travessa do Rosário, que na pia batismal da Freguesia de São José veio receber o nome de Olavo.

Os impetos de grande júbilo são pelo dever militar sopitados e somente de retorno dos campos da luta, cinco anos depois, o feito varonil estuante de real ufania e ornado das veneras do triunfo, pôde ele conhecer e acariciar o segundo fruto de seu feliz enlace.

E o próprio Bilac quem descreve a infância comovente: “Quantis, como eu, cresceram assim na casa privada do chefe, numa vida incerta, intercalada de sobressaltos. — ... Quando caia a noite, em cada casa, ardia diante do oratório a lamparina devota. E os que têm hoje a minha idade, sem saber o que aprendiam, aprendiam a rezar, antes de dormir, pelos que andavam expostos às balas e ao escorbuto, aos charcos do Sul, empenhados numa luta bárbara...

Muitos, como eu, só viram os pais quando, acabada a guerra, a cidade rejubilava, cheia de bandeiras e luminárias saudando os heróis que voltavam.

... A noite, nas velhas salas de jantar, reunida a família em torno da mesa em que ardia o grande lampião de azeite, o chefe gostava de falar das retiradas, dos cercos, das epidemias, das marchas forçadas, das fomes, de todos os horrores da guerra.

... O entusiasmo acendia-nos a face, dava-nos ao sangue rufos de febre e aprendíamos a amar a Pátria, admirando aqueles que por ela morriam. Assim nascemos, assim crescemos".

Carioca do centro da cidade, sua meninice transcorreu nas vias asfaltadas, estudando as primárias letras com o padre Belmonte, na Rua do Sacramento até que, sabendo ler, o matricularam no Colégio Vitório, na Rua Gonçalves Dias, onde hoje se ostenta o edifício da Associação dos Empregados no Comércio, educandário dirigido pelo Conselheiro Vitório, cuja figura, desaparecida em 1879, jamais se apagaria de sua mente: "todo vestido de linho branco, com uma barba branca venerável ao peito — empunhando, nos momentos terríveis, a terrível *Santa Luzia*, a palmatória dura, o duro monstro negro de cinco olhos..."

O Dr. Guimarães Bilac, reformando-se no posto de Major-Cirurgião, restabelece a clínica, indo morar no largo do Capim.

Malgrado os rigores disciplinares impostos pela férulea impiedosa, ou quiçá por isso, o intelectual Olavo logrou os preparatórios necessários à matrícula na Faculdade de Medicina, uma vez que o desejo paterno era vê-lo seguir sua profissão.

Valendo-se da privilegiada situação de ex-combatente, e receoso de que o filho, contando apenas quinze anos, viesse a trilhar outro caminho que não o que lhe houvera indicado, obteve do Imperador D. Pedro II: "Decreto n.º 2.956, de 3 de agosto de 1880 — Autoriza o Governador a mandar matricular Olavo dos Guimarães Bilac na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Hei por bem sancionar e mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléia Geral. Art. 1.º — O Governo é autorizado a mandar admitir à matrícula do 1.º ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o estudante Olavo dos Guimarães Bilac, a quem fica dispensado o requisito de idade legal".

Calouro, surpreendeu logo seus colegas veteranos, quando, submetido ao tradicional "trote", o intimaram a falar, e proferiu eloquente discurso sobre a *Mulher*.

Era a revelação de seus inatos dotes oratórios!

Da vida acadêmica, passada nas turbulências das ruas escondidas do morro do Castelo e, máxime, naquela em que demorava a secular faculdade a cuja porta, negras vendiam laranjas e bananas, mui raras recordações saudosas lhe ficaram expressas em 1915, nas páginas de suas "*Últimas Conferências e Discursos*", qual a oração aos acadêmicos paulistas de medicina; "Apenas saído da adolescência fui, como vós, estudante de medicina. No velho edifício da Faculdade do Rio, naquele recanto da feia Rua da Misericórdia, ao lado do mar, entre árvores antigas, abriu-se à vida o meu espírito, inquieto e ávido, de asas tontas, de vôo indeciso. Ali vivi, dos 15 aos 20 anos; desvendou-se, ali, para mim, o maravilhoso e doloroso es-

petáculo do universo e do homem; na Faculdade e no Hospital, na aula e na enfermaria, — a princípio timido na biologia, freqüentador dos anfiteatros e dos laboratórios, ajudante de preparador de fisiologia experimental, interno de clínica, — adquiri este exaltado gosto de curiosidade, e este doce e amargo sentimento de tristeza resignada, com que tenho, até hoje, atravessado a existência".

Não obstante as facilidades do ingresso, o rapazola, em quem já despontava leve buço, não via com interesse o curso incipiente, tanto mais quanto era dos trinta sócios componentes de um clube literário e filosófico que "começou a funcionar no mosteiro de São Bento". A perdição residia nas rodas do *Café Cruzeiro*, na Rua do Ouvidor. Contudo, persistia em seus estudos.

Não o fascinava de fato, a prática hospitalar; ao révés, apavorava-o. Certa feita, acompanhou ato operatório, ficando incumbido de vigiar o paciente: "Tomei-lhe a temperatura. A febre baixava. Mas a respiração era difícil. Ao cabo de algum tempo, cerrou as pálpebras..." O quase esculápio não agüentava. Abandonou o curso no quinto ano, rompeu com o pai, saiu de casa e foi morar em "repúblicas", onde os colegas coabitavam.

Pertencera à turma de que fazia parte Miguel Couto, o excelente e bondoso Mestre, glória imortal da medicina brasileira.

Era patente sua indiferença aos reclamos de Asclépios. Só uma vez sua pena traçou, em 1883, artigo atinente à carreira que ele vinha trilhando sem lustre, na altura da quarta série, sobre o professor Domingos Freire e seus trabalhos relativos à febre amarela.

Sua inteligência voltava-se para a fantasia, escolhendo a carreira literária.

Os boêmios do *Café Cruzeiro*, *Maison Moderne*, *Café Londres*, liderados por Artur de Oliveira, que vivera em Paris longo tempo e lhes trouxe as novas mensagens poéticas do parnasianismo, a novel escola em que doutrinavam Vitor Hugo, Teófilo Gautier e tantos outros, concorreram para o definitivo divórcio de Bilac com os estudos de medicina.

Ainda na fala aos acadêmicos paulistanos, Olavo Bilac, naquela madura década de 1910, alegou:

"Entre o gabinete de química e a sala do nosocômio, entre a mesa de dissecação e o leito do enfermo, escrevi os meus primeiros versos: a minha poesia nasceu da ânsia de saber e da revelação da dor e da piedade. Que é o sonho senão uma flor do estudo e da compaixão; que é a arte, senão uma filha da curiosidade e do sofrimento?"

Os autores desse transvio foram, por certo, as companhia abominadas por meu pai e a débil argila do ser carente de plasmação

familiar, já que se revelava "meio estouvado, boêmio por instinto e por imitação, de palavra à flor dos lábios, eloquente, caloroso, comunicativo..."

Se bem que muito jovem, freqüentava rodas literárias, vindo a conhecer aí o dramaturgo Artur Azevedo, que se fez logo seu admirador. Isto demasiado lhe valeu, por quanto, embora com um vinténio de idade, passou a gozar de larga popularidade raramente alcançada por encanecidos homens de letras, mercê de dois sonetos, inclusive o *Ouvir Estrelas*, publicados por esse prestigioso pluminívo, em sua crônica, em dezembro de 1885, no *Diário de Notícias*.

Nessa crônica, Artur Azevedo profetizava, com irrestritos encômios, um porvir promissor nas letras para o vate despontante: "O nome de Olavo Bilac bem cedo fulgurará entre os melhores da nossa literatura. O leitor não conhece talvez esse poeta, que raramente aparece na *Semana* ou na *Estação*. Vou ter a honra de apresentá-lo, por intermédio de dois magníficos sonetos."

O vaticínio se confirma e, nunca deslebrado do que dele escrevera o grande amigo que o iniciara na carreira literária, assim se expressou Olavo Bilac, em 1908, através da *Gazeta de Notícias*, por ocasião da morte do conhecido *Gravoche*, o príncipe dos cronistas: "Quando comecei a minha vida de escritor, poeta obscuro, paupérímo e desamparado, que, vendo abrir caminho na vida com os meus cotovelos fracos, onde se puia o pano do único paletó — Artur já era o príncipe da crônica: seus artigos diários tinham um largo público e seu louvor e sua censura criavam doutrina. Mandei-lhe um dia dois sonetos e vi-os estampados, no dia seguinte: lembro-me bem! Foi o melhor dia da minha vida! Nunca vi o céu tão azul! Boêmio adolescente, atravessei a Rua do Ouvidor como conquistador da cidade e do país, tendo a ilusão de que as solas avariadas dos meus sapatos arrancavam chispas de estrelas nas pedras do calçamento."

Em plena révora, aos dezoito anos, Bilac compôs o soneto *Manhã de Maio*, início de sua áurea carreira de poeta, que estampou, em 1883, na *Gazeta Acadêmica*, formoso poema, hino à natureza em flor, "canção florida escrita a tinta azul nas pétalas de um lírio..."

Suas produções poéticas passaram então a ser publicadas pela imprensa. Sua estréia fora no órgão estudantil acima referido, com aquela festejada produção, seguindo-se, em 1884, na *Gazeta de Notícias*, sucesso idêntico com o soneto *Nero*, dedicado a Alberto de Oliveira, hoje incluído nas "poesias", sob o título *Sesta de Nero*. A repercussão popular desse poema igualou-se à obtida com outro soneto seu um ano depois, intitulado *Abissus*, oferecido a Bernardo de Oliveira, outro irmão de Amélia, sua eterna enamorada.

Em 1886, por ocasião da permanência da notável Sara Bernhardt no Rio, onde foi alvo de retumbantes homenagens do meio artístico, Bilac, sob o pseudônimo de Richepin, publicou, em o número de 10 de

julho de *A Semana*, belo soneto em francês *Fedora*, reproduzido em vários diários cariocas. Foi um sucesso, sobretudo porque o supuseram de autoria de Jean Richepin! O despeito, no entanto, não conseguiu denegrir o alto mérito de seu verdadeiro autor.

Dominando os idiomas de Bolleau e Cervantes, produziu lindas poesias em francês e espanhol.

Nessa altura, sólida se mostrava a amizade que fizera com Alberto de Oliveira, excelente poeta, acadêmico de Farmácia, cujo curso concluiu naquela vetusta escola de ensino superior da Rua da Misericórdia que Bilac freqüentou e, após um lustro, abandonara. E porque amigos íntimos e fraternos se encontrasse, foi, um dia, Bilac visitar os genitores de seu dileto companheiro, quem, segundo suas próprias confidências, o iniciara na arte de versejar.

E para lá rumou, a — Engenhoca —, residência, desde 1879, no arrabalde de Barreto, em Niterói, na aprazível chácara situada na Rua Diamantina, do velho José Mariano de Oliveira e sua esposa D. Ana, pais de numerosa prole de inspirados menestréis.

Em ali chegando, no ano de 1883, Bilac se fez de amores, à primeira vista, pela poetisa Amélia de Oliveira, uma das irmãs de seu amigo inseparável.

Diários os animados serões nessa álares mansão, nos quais se empenhava toda a gregaria parnasiana.

Posto que ardente o amor que os envolvia, enlevados ao mesmo sonho idílico, vivendo ambos seguros às intensas esperanças de um feliz conúbio semipaterno. Ela, nova Marília, a recitar-lhe os versos inspirados, o coração palpitante de emoções; ele, o bardo enternecido, trazendo a alma sacudida por contínuos frêmitos passionais...

Interrompido o curso médico, para o qual revelou completa animadversão, sente Bilac a necessidade de prosseguir seus estudos, ainda que enveredando por caminho bem diverso.

Resolve, então, o moço estudar Direito.

Inscreve-se como ouvinte na primeira série do curso jurídico da austera Faculdade do Largo de S. Francisco na capital do Estado bandeirante.

Não foi sem mágoa que se ausentou de sua terra natalina para engolfar-se na trepidante paulicéia, ele que adorava as plagas guanabarinhas das quais nunca se afastara:

— “Eu, carioca como ninguém, amo os usos de minha cidade amada. Amo a minha cidade com todas as suas fealdades e belezas. Amo-a como um pé doente a um calçado cômodo.

Precisava da carta de bacharel, já porque, destarte, dissiparia as terríveis dúvidas que pairavam no espírito da família a que almejava unir-se, já porque, assim, romperia os estreitos elos que o pren-

diam às rodas boêmias, carnavalescas e literárias, que, se o seduziam, nenhum lucro lhe porporcionavam no tocante às finanças e à saúde.

Auxiliado por José do Patrocínio, que tudo lhe facilita, Bilac parte em busca do ambicionado título, mais consentâneo com seus penhores revolucionários, uma vez que a atmosfera de São Paulo se mostrava propícia às campanhas abolicionista e republicana.

Após o *lunch* ruidoso com que se despediram os amigos do novo cultor das ciências jurídicas e sociais, o inspirado aero da *Tentação de Xenócrates* e da *Delenda Cartago*, o primoroso cinzelador da *Profissão de Fé*, a 21 de abril de 1887, embarcou no dia seguinte para a terra da garoa.

O volúvel estudante, mensageiro da missiva de apresentação a Gaspar da Silva, do *Diário Mercantil*, firmada pelo advogado e poeta Raimundo Correia, um dos de sua roda, foi bem acolhido e logo iniciou sua atuação nas colunas do prestigioso órgão de imprensa.

Sua franqueza não oculta os prazeres que lhe davam as novas amizades com Vicente de Carvalho, Teófilo Dias, Júlio Ribeiro, Venceslau de Queiroz, seus condiscípulos dos bancos escolares, destes bancos perlustrados por Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela e tantos outros de imensa projeção no cenário da literatura.

Por lá passaram, por aquelas salas da vetusta Academia, Valentim Magalhães, Raimundo Correia, Luis Murat, Raul Pompéia, Silva Jardim, Assis Brasil, Luis Gama, vultos que culminaram na magistratura, na advocacia e, sobretudo, na política e nas letras.

E sempre franco, confessa o que vem sendo sua estada em São Paulo:

"... aqui estive estudando direito mas na realidade vadiando e fazendo versos, o que é quase a mesma coisa".

Pleno de saudades do Rio de Janeiro, escreve um mês depois de ali estar (pois sua permanência na Paulicéia foi somente, de abril de 1887 a maio de 1888) a Antônio Fernandes Figueira:

"Vingo-me fechando-me em casa, fazendo versos e decorando o texto de *Corpus Juris*. Tenho a cabeça cheia de rimas e de latim. Uma calamidade".

Azedava-lhe o espírito a idéia de ser advogado. Todavia, vem à Capital do Governo e realiza um passo decisivo de sua vida: o contrato de casamento com a sua adorada Amélia, a musa inspiradora de seus melhores poemas, a imagem constante de seus sonhos. Retorna a São Paulo e prossegue suas atividades, porém, poucos meses decorridos, abandona tudo e retorna definitivamente à Corte.

O inesperado, entretanto, o aguardava: a rotura do contrato de consórcio, recém-estabelecido, imposta por D. Ana, influída pela

maledicência de falsos amigos, que a convenceram ter o noivo da delicada Amélia, uma existência boêmia, um caráter solaz, dissoluto. O rude golpe aniquilou os dois. Ambos ficaram solteiros pela vida afora, conservando ambos, imperecivelmente, a lembrança desse singelo amor que os empolgara por ditoso quadriénio.

(Um parentese ora se impõe: — o rompimento se deu sob denso mistério. Bernardo, outro irmão da noiva, fora incumbido por sua mãe para reaver de Bilac cartas e retratos de Amélia, sem alegação dos reais motivos, o que levou cada qual à crença de se ver repudiado.

Vinte anos transcorridos, o inconsolável solteirão escreve o doloroso soneto *Maldição*, o que leva a sua fidelíssima Dulcinéia a compor a resposta à injusta imprecação do antigo enamorado, o lindo soneto *Choro inda por ti* a ele trazido por sua própria irmã Cora.

Tarde foi o magnífico soneto com que Bilac se revelou arrependido do julgamento impiedoso que fizera de sua amada, a que soube, através de quatro décadas, devotar-lhe o mais constante e puro amor).

Também não lhe satisfez o trato com as normas do Direito, razão por que, ao cabo de pouco mais de um ano, abandona a Faculdade e torna à origem, sede da boêmia e fonte inspiradora de pulquérrios poemas.

Abolicionista extremado ele antevê a próxima queda do Império, tão abalancado com as pregações demosténicas da plêiade intelectual que atuava nas praças públicas e pelas colunas vibrantes dos jornais da época.

Interessado em lançar a lume seu livro de poesias, o primeiro, em 1888, edita-o pela *Livraria Teixeira*, o vitorioso volume de *Poemas*, com *Panóplia*, *Via Láctea* e *Sarças de fogo*.

José Veríssimo, o mais exigente de nossos críticos, enaltecedo essa obra "revelou um poeta feito, possuidor de todos os segredos de uma arte que, segundo a sua profissão de fé, posta no limiar dos seus poemas, devia ser menos a expressão das grandes emoções da sua alma ou da alma humana que a cinzeladura, rara, esquisita, impecável do verso".

Não regressava ao Rio de Janeiro portando o diploma ambicionado, substituto daquele que seu pai tanto almejava, mas fruto espontâneo de seu estro, belezas imortais que viriam colocá-lo nas exatas culminâncias de — Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Homem de imprensa, fundou com Pardal Mallet, de que fora inimigo, a ponto de se baterem em duelo, *A Rua*, jornal de vida efêmera, ingressando, a seguir, na *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, órgão consagrador por excelência.

Sua obra *Ironia e Piedade*, consagrada à memória do venerando jornalista que lhe introduziu na mão a pena de cronista literário,

seu talento, vantagens com o advento no novo regime surgido a 15 de novembro de 1889. É que a sua temível irreverência para com os próprios mandatários da República tocava às raias do absurdo.

O Marechal Floriano Peixoto foi um que, não tolerando tais ataques chistosos, mandou prendê-lo, por quatro meses, no Forte da Lage, depois de penosa peregrinação pelos cárceres de Barbono e do Arsenal de Guerra e a bordo do "Aiquidabá".

Solto, homiziou-se em Minas Gerais, para melhor fruir a liberdade no amplo cenário esmeraldino dos magníficos campos; obter a visão da inigualável grandeza das preciosas gemas brasileiras; vibrar ante a majestade hierática das verdes montanhas coroadas por miriades de estrelas cintilantes.

Seu desterro ganha encantamentos. Em pouco se dirige a Ouro-Preto, a legendária Vila Rica, plena de reminiscências históricas e trasbordante de acendrada fé.

O pretérito é ali evocado em cada canto; as igrejas seculares falam, com emoção, através da voz plangente dos sinos érios nos vetustos campanários; as ingremes ladeiras de roliças pedras parecem ainda povoadas daquelas longínquas personagens das eras coloniais.

Pisando-lhe o solo impregnado de brasiliidade e rescente de lirismo da imortal paixão da desditosa Marília de Dirceu, Bilac sente-se patriota incontido, que viria mais tarde, em clarinadas sonoras, fazer vibrar a alma cívica da Nação em explosões de amor pela Pátria.

De fato, por duas vezes o insigne poeta visitou o grande Estado montanhês, cuja nascente capital chamou de *Cidade Vergel*, antecipando em prosa burilada, rica de sedução e conteúdo, o seu promissor futuro de metrópole do sertão brasileiro: a primeira em 1892, quando de seu exílio voluntário em Ouro Preto, e a outra, a 23 de agosto de 1916, por um tríduo apenas, três festivos dias, para proferir momentosa conferência a convite da próspera Liga da Defesa Nacional.

A primeira viagem, ele a empreendeu a cavalo, um triénio antes da instalação definitiva da urbe projetada pelo proiecto engenheiro Aarão Reis, sob insólitos percalços através dos "Sertões de Santa Luzia do Rio das Velhas". Julgava-se, entretanto, mui compensado dessas canseiras, pelo espetáculo admirável que, a seguir, colhera, deparando as linhas rústicas do casario escasso do azemel do Curral del-Rei, onde havia somente quatro ruas estreitas e tortuosas, convergindo para o largo do único igrejório, dominado ao longe pelo altaneiro vulto da serrania, atalaia peregril da cidade nascente.

Haveria de ficar-lhe duradoura reminiscência dessa estada na vetusta Vila Rica, revelada, oportunamente, a 18 de setembro de

1903, ao recepcionar o novel acadêmico Afonso Arinos na Academia Brasileira, com estas palavras:

"Tivemos ali meses de uma vida singular, intensamente vivida, cheia de completos prazeres intelectuais, — que só podem ser bem contados aqui, a uma assistência escolhida e culta como esta, capaz de compreender como dois homens em pleno vício da mocidade puderam passar semanas e semanas entre os vivos, não os vendo nem ouvindo, e só tendo ouvidos e olhos para um estranho mundo de sombras e de fantasma.

Bem vos deveis lembrar..."

E com aquela magia descritiva de uma inteligência prelúcida, o parainfo magnífico do escorreito prosador montanhês se refere às ruas de Ouro Preto com suas personagens e seus fantasmas do século XVIII: mineiros, faiscadores, soldados d'El-Rei, aventureiros e escravos, pretos e mamelucos, frades e freiras, capatazes de chicos à mostra e vigias do Sr. Conde d'Assumar, milicianos e traficantes, bateadores de ouro e cateadores de cascalho, ouvidores e capitães-generais, damas de anquinhas e pretas da Guiné, garimpeiros e contrabandistas, reinós e senhores de escravos — e a tragédia de Felipe dos Santos e o romance de Marília de Dirceu.

... "Logo cedo, pela ingreme rua Direita, íamos ter à larga praça do Palácio. De um lado ficava a imensa Casa da Câmara, alto cubo salpicado de janelas, tipo acabado de arquitetura colonial, com os varões de ferro de cadeia em baixo e, em cima, a torre severa abrigando o sino ancião, a antiga campana de rebate, que servia outrora para transmitir ao povo humilde, com sua voz temida, a cólera e a bênção, ambas paternais e pesadas, dos representantes de El-Rei. Do outro lado, o Palácio, — um fortim, cuja presença causava espanto naquela praça tão calma, e cujas seteiras, ameias e barbacãs o apuro da pintura nova não conseguia tirar o aspecto ferrenho e hostil."

Era nessa fortaleza, remanescente da era colonial, que ao rés-do-chão estava instalado o arquivo público de Minas: "o cemitério das idades mortas, o campo-santo das nossas origens."

E, pleno dessas esplêndidas evocações, revive o cenário suave em que teve a ventura de respirar o pó dos séculos. E assim, acolhe no cenáculo máximo das letras o ilustre confrade, exímio novelista e publicista mineiro.

Nada obstante haver, destarte, se expressado acerca da primitiva capital da Província de Minas Gerais, ainda resume suas lindezas no mirífico soneto:

VILA RICA

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
 Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição
 Na torturada entranha abriu da terra nobre:
 E cada cicatriz brilha como um brasão.
 O *angelus* plange ao longe em doloroso sobre.
 O último ouro do sol morre na cerração.
 E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
 O crepúsculo cai como uma extrema-unção.
 Agora, para além do cerro, o céu parece
 Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
 A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,
 Como uma procissão espectral que se move...
 Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
 Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

A segunda foi apropositada, e por isso mesmo confortável, repleta de justo regozijo, sob os merecidos aplausos das autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos estudantes e do povo em geral.

Foi dessa feita que no Teatro Municipal superlotado, a Academia Mineira de Letras se reuniu em sessão solene e extraordinária para ouvir a erudita conferência do preclaro orador e poeta excelso sobre a Liga da Defesa Nacional.

Foram três dias apenas, mas vividos intensamente, que mal chegaram para Bilac desobrigar-se do extenso programa elaborado pela classe estudantil e pelos intelectuais e homens públicos da generosa terra mineira. Desde o Chefe do Governo, Dr. Delfim Moreira, os presidentes dos órgãos legislativos do Estado mediterrâneo, Drs. Odilon de Andrade e Crispim Bias Fortes, Desembargador Edmundo Lins, presidente da Justiça local, até notáveis acadêmicos e professores, tais como Mário de Lima, Carlos Góis, José Eduardo da Fonseca, Aurélio Pires, Mendes de Oliveira, Franklin de Oliveira e Aníbal Machado, dentre tantos, as demonstrações de afeto e de exuberante regozijo não lhe faltaram no exiguo período de sua permanência na hospitaleira Minas Gerais.

E nada mais justo, porquanto seus discursos e poemas enlevaram os milhares de manifestantes, a ponto de o reterem na tribuna sob o delírio dos aplausos sem fim.

No Clube Acadêmico, numa dessas ruidosas manifestações, Bilac foi obrigado a recitar seus poemas "Milagre" e "A Pátria", este último hoje integrante de quase todas as antologias nacionais.

Ei-lo:

A P A T R I A

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste,
 Criança! não verás nenhum país como este!
 Olha que céu, que mar, que rios, que florestas!
 A natureza, aqui, perpetuamente em festa.

É um seio de mãe a transbordar carinhos,
 Vê que vida há no chão, vê que vida há nos ninhos,
 Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
 Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera,
 Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
 Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
 O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e emudece
 Vê pago o seu esforço e é feliz e enriquece.
 Criança! Não verás país nenhum como este:
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!

De regresso do exílio a que se impusera, tornou a integrar o famoso grupo de artistas da pena que redourava as colunas da imprensa no crepúsculo do século XIX, ausência por demais sentida, já que o consideravam, como Raul Leoni o apelidara, "um semeador de beleza."

As tertúlias se sucediam em torno às mesas das luxuosas Confeitarias Pascoal, Colombo e Castelões às horas vesperais dos dias úteis, campeando ali a graça esfusiente, a crítica jocosa, e trocadilho inócio ou ferino.

O humor bilaqueano, todavia, que às vezes se mostrava irreverente, foi aos poucos cedendo passo a uma estranha maturidade, que o leva a abandonar a boêmia, e fazer-se um sisudo Inspetor Escolar, devotado à causa do ensino primário do então Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara.

Malgrado essas novas atitudes, não deixou, no entanto, de ser o picneiro dos desastres automobilísticos no Rio, com o primeiro automóvel trazido de Paris, pelo seu amigo, ocorrido num domingo, na Tijuca aonde fora passear...

Bilac foi, sem dúvida, o fundador da crônica, como afirmava Guimarães Passos, que tantos seguidores logo teve em Coelho Neto, João do Rio, Humberto de Campos...

Cronista de escol, fiel enamorado de sua terra natal, sua colaboração oportuna e eficiente às grandes causas jamais desertou das colunas por ele subscritas. Em novembro de 1904, a propósito de um motim de rua, escreve: "No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analfabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem; é um instrumento passivo e triste. que todos os espertos podem manejar sem receio."

Se assim se mostrava o cronista, atento a tudo que ocorria em todos os múltiplos setores da cidade e do país, a poesia, que era o seu fascínio, ainda lhe permitia azo para dedicar-se ao conto, onde se revelou primoroso mestre, refinado *conteur*.

A elegância da atitude, a linguagem característica do gesto, garganta de Stentor, sua voz era, no entanto, "leve, rápida e brilhante como uma seta de índio", segundo depoimento do helênico filólogo Barão de Ramiz Galvão.

E, desta forma, Bilac se fez, mercê ainda de sua onimoda cultura, verdadeiro orador, eloquente, demostênico, inspirado, cujo verbo viria, mais tarde, ecoar por todos os distantes recantos do Brasil qual dúcida e mirifica oferenda de um filho a serviço do Exército, no combate enérgico, com sua oratória convincente, o divórcio do meio civil e militar, as inexplicáveis incompatibilidades com a caserna, difundindo os salutares postulados do Sorteio Militar na maior campanha cívica que lograram assistir os moços da época, quiçá arredios dos quartéis, por entenderem que para eles só acorriam os soldados mercenários.

Dulciloquo, diz Martins Fontes que "nunca houve nenhuma voz comparável à sua!" "Nem mesmo Sarah Bernhardt teve a voz de ouro de Olavo Bilac."

Quando da visita do Presidente Campos Sales à República Argentina, este se fez acompanhado do insigne aedo. O povo da nação amiga, após ouvir extasiado o delicioso orador, exige sempre seus discursos famosos.

Em Bilac repontava musicalidade, gestos adequados e sóbrios, elegância e califasia.

Por esses fatores incontestes e devido a seu estilo acadêmico, tão do agrado do mundo feminil, era ele muito solicitado a proferir conferências cujos temas, por demais oportunos, carreavam numerosos e excelentes auditórios aos diversos pontos do Rio elegante, de Minas Gerais e da afanosa paulicéia: no Instituto Nacional de Música sobre a "Tristeza dos Poetas Brasileiros", "O Riso", "O Diabo", "A Beleza e a Graça", "O Dinheiro", "Quatro Heroínas de Shakespeare"; na Academia de Letras, sobre "Gonçalves Dias"; no Salão Steinwai, em S. Paulo: "A Esperança"; no Gabinete Português de Leitura: "Don Quixote"; na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro: "O Comércio e a Civilização"; no Ginásio

Grambery, de Juiz de Fora: "Instrução e Patriotismo"; na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo: "Bocage". Do mesmo sentido literário e conservando aquele seu remarcado estilo acadêmico pronunciou outras apreciadas conferências: "Amores de Maimões", "O Feitismo dos Poetas Brasileiros", "Brasil", "Sobre Algumas Lendas Brasileiras" e "Sobre as Crianças".

Espirito liberal, valeu-se de sua robusta inteligência para condenar o trabalho do menor nas fábricas, a exploração do labor feminino, e pugnar por uma legislação social conveniente ao proletário. Foi favorável ao divórcio, à alfabetização das massas e à democratização do ensino. Eram ideais progressistas para os moderados dias que se sucediam.

A glória de Bilac já se firmava antes de 1896, ano em que, sob os melhores auspícios, foi fundada a Academia Brasileira de Letras, por figuras de inconfundível valor da galáxia cultural do país. Seu aureolado nome foi logo incluído entre os fundadores do novel cenáculo. Sua cadeira, a de n.º 15, é patronada por Gonçalves Dias, outro mavioso vate, nascido no Maranhão.

O círculo de novos amigos e admiradores crescia a cada manifestação poética de sua invulgar obra literária.

Tudo servia de agradável ensejo para as freqüentes demonstrações de apreço ao insigne co-autor de *A Terra Fluminense*, esplêndido catecismo de educação cívica, pequeno livro editado na Imprensa Nacional, em 1898, e unanimemente aprovado pelo então Conselho Superior de Instrução do Estado do Rio de Janeiro.

Exemplo típico é o concorrido banquete que lhe foi oferecido no Palácio Teatro, na Capital Federal, a 3 de outubro de 1907, onde discursaram, pelos ofertantes, Augusto de Lima, Coelho Neto e Guilherme Ferrero. A apologia da luminosa obra do homenageado, que agradeceu enternecido, em oração do mais fino lavor literário, aos manifestantes, elementos representativos das artes, das letras, da sociedade, em suma, de todos os setores da vida nacional.

Por toda a parte se ouviam os primorosos versos do lírico menestrel, o incomparável artifice da forma, declamados pelos moços, tributo anônimo das massas ledoras ao lídimo mestre do Parnasianismo.

Apesar de Bilac conviver com três dos brilhantes poetas da época: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho, sua merecida fama, ultrapassando os lindos brasileiros, resplandecia também nos céus alienigenos.

E por essa ocasião que o hebdomadário "Fon-Fon" lança disputado concurso para a escolha do "Príncipe dos Poetas Brasileiros".

Coube a Olavo Bilac o honroso galardão, pois outro nunca se revelou mais digno na aristocracia intelectual, mais merecedor das láureas desse principado do espírito.

As honrarias em conseqüência, se sucederam.

Em 1899 já houvera sido nomeado Inspetor Escolar, cargo que exercia com devotamento e assiduidade, interrompida para integrar a comitiva do estadista Campos Sales, quando de sua viagem à República Argentina.

Eis rápida e graciosa autobiografia feita por Bilac, a pedido da revista *Caras Y Caretas* de Buenos Aires, quando lá passou:

"Nasci quando argentinos, paraguaios e brasileiros andavam batallhando e morrendo. A estrela que presidiu o meu nascimento era rubra como o sangue. Apesar disso, sou um homem pacífico; somente uma décima parte de minha alma pertence a D. Quixote: as outras nove décimas pertencem a Sancho Pança.

Sou solarengo. Amo a minha cidade com todas as suas fealdades e todas as suas belezas. Amo-a como um pé doente a um calçado cômodo, ou como um arroio humilde ama o bordo obscuro das matas que o abriga. Tenho 36 anos. Deus queira que possa viver outros tantos, com alguma saúde, com algum dinheiro, com alguma alegria e, principalmente, com muita paciência.

Eis tudo quanto posso dizer de mim mesmo. Só tenho amigos e não sei se tenho inimigos.

Dizem que sou poeta: se é verdade, tanto melhor para mim; se não é verdade, bem-aventurada seja essa mentira que me consola.

Nota final. Durante cinco anos estudei Medicina; durante três anos estudei Direito; faz 36 anos estudo a vida; e apesar de tanto estudo, minha ignorância é profunda".

Em 1906, é distinguido com a nomeação para Secretário-Geral da 3^a Conferência Pan-Americana no Rio.

No ano seguinte, o Prefeito do Distrito Federal, General Souza Aguiar, nomeia-o seu secretário particular.

O Governador Portela o faz, a seguir, seu secretário no Governo do Estado do Rio de Janeiro.

A 14 de Julho de 1909, decorridos cinqüenta e quatro meses do inicio de sua construção, portanto quatro anos e meio exatamente, era inaugurado no Rio de Janeiro o seu Teatro Municipal, luxuoso edifício destinado à exibição de óperas líricas e músicas clássicas.

Posto que a idéia houvesse sido aventada, há muito, pelo eminente dramaturgo Artur Azevedo, célebre autor teatral, através de uma série de artigos nos jornais, encarecendo a necessidade de a capital do País ser enriquecida por uma casa de espetáculos digna de rivalizar com os grandes teatros do mundo, somente em 1894 os legisladores cariocas a concretizaram em lei, cuja execução, contudo, foi protelada continuamente.

Começada no quadriênio presidencial do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, sendo Prefeito da cidade o Engenheiro Dr. Francisco Pereira Passos, foi a custosa obra (para a época, pois seu custo atingiu a elevada cifra de dez mil oitocentos e cinqüenta e seis contos de réis, hoje no valor de dez mil oitocentos e cinqüenta e seis cruzeiros) inaugurada às 20h30min na presença do Presidente Dr. Nilo Peçanha, do Prefeito General Francisco Marcelino de Souza Aguiar "e mais autoridades superiores da União e do Distrito Federal e bem assim representantes dos Poderes Legislativos Federal e Municipal, do Poder Judiciário, o Engenheiro-Chefe e funcionários da Comissão Construtora do Teatro, representantes da Imprensa e das classes que compõem a Força Pública, além de outras pessoas gradas e grande número de senhoras e cidadãos das demais classes sociais", conforme a respectiva Ata.

O preságio do imortal autor de "O Dote" foi plenamente realizado: que se tornaria a maior casa de espetáculos e o centro político, social e artístico, o esplêndido teatro, que, sob aplausos merecidos, acabava de ser entregue ao público, aos acordes vibrantes do Hino Nacional Brasileiro, pela palavra eloquente do poeta e orador Olavo Bilac, secretário particular do Chefe do Executivo Municipal.

Após sua magnífica oração foi cumprido este excelente programa:

Poema sinfônico *Insônia*, de Francisco Braga; *Noturno* da ópera "Condor", de Carlos Gomes; peça *Bonança*, de Coelho Neto e a ópera *Norma*, de Delgado de Carvalho. Orquestra sob a batuta do insigne maestro Francisco Braga.

Infelizmente o lançador da genial idéia — Artur Azevedo, que, desde 1895, vinha travando crua batalha para a consecução de seu projeto, não logrou assistir à realização de seu sonho, porquanto veio a sucumbir, um pouco antes, a 22 de outubro de 1908.

Em 1910, é Bilac designado Delegado do Brasil junto à 4^a Conferência Pan-Americana, a reunir-se em Buenos Aires.

A Europa, teve ele oportunidade de ir várias vezes, pois considerava esses passeios imprescindíveis a um homem de espírito. Inglaterra, Itália, Suíça, Holanda, Bélgica, Espanha e França, foram os países que sempre mereceram suas visitas, sobretudo este último, de quem dizia, por muito adorar-lhe a Capital: "No mundo só há uma coisa interessante — Paris. O resto é paisagem."

Aliás, Bilac nunca deixou de visitar o velusto Portugal em todas as suas andanças pelo antigo Continente, por isso que lhe dedicava acrisolado amor.

Lisboa, a metrópole lusiada, sempre lhe mereceu carinho como-vedor. Seus bairros tradicionais e personalidades famosas recebiam as interessadas visitas do eminentíssimo autor da "Via Látea".

Se vibrante foi sua recepção pelo povo olisiponense no ano de 1904, inenarrável a que lhe fez a Academia de Ciências de Lisboa, em 30 de março de 1916, ao empossar-se, ali, quando Bilac proferiu eloquentíssimo discurso, terminando com estas palavras, após haver evocado a história da fundação daquele Grêmio, na mansão real de D. Maria I, em 1780, e exaltado a figura de seu secretário, José Bonifácio de Andrada e Silva:

Esta consciência de existências anteriores, vaga lembrança de vários avatares, é fenômeno psíquico muito familiar a todos os espíritos que se nutrem de tradicionalismo, dados ao amor e ao culto das coisas do passado.

Sempre fui um tradicionalista, sem ser retrógrado.

Senhores! Querendo ser vosso quis de modo mais forte, incorporar-me à vossa cultura e integrar-me ao vosso passado!

Em verdade, o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo!"

Humilhado, confessava no início: "Não condecorais propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja única virtude é a sinceridade".

Destarte, ele iniciava a definição da filosofia de seu nacionalismo, o que viria agitar na década final de sua profusa existência, as labaredas de um verdadeiro entusiasmo que se alastraram por todo o Brasil numa cruzada redentora.

Outra retumbante homenagem, a 17, no dia posterior, lhe é prestada: grande banquete promovido pela revista "Atlântida", dirigida por João de Barros. Discursaram nesse ágape: o Ministro da Instrução Pública, Júlio Dantas, Alexandre Braga, Jaime Cortesão, Alberto de Oliveira, Henrique Lopes de Mendonça, pela Academia de Ciências, anfitroa da festiva noite transata e o dirigente do periódico promotor desta solenidade a que não faltaram os mais expressivos elementos da cultura lusa.

O agradecimento de Bilac foi um novo hino apologético à língua portuguesa e à latinidade.

A nota sensacional, contudo, foi o que ocorreu logo depois do elóquio do homenageado, segundo o registro da imprensa:

"Tinha Bilac acabado de falar, quando, de repente, entrou no salão perfumado com o aroma que se exalava das flores morrendo na mesa, sob as faiscas da luz elétrica, Guerra Junqueiro com um estranho fulgor no olhar e um arrepião passado na sua barba patriarcal; foi para Olavo Bilac de braços abertos, beijou-o comovidamente na fronte e exclamou:

— A Poesia de Portugal beija a Poesia do Brasil e pede ao poeta que leve esse beijo quente, palpitante de emoção, a todos os seus camaradas brasileiros!".

E os dois grandes vates abracados, merecem frenética ovacão do numeroso auditório, em cujos olhos afloravam lágrimas de vivida alegria.

Nessa estada em Portugal, Bilac realiza uma conferência no Teatro República, sendo apresentado aos espectadores pelo excelente autor de "A Velhice do Padre Eterno". A peroração desta magnifica peça oratória a todos comoveu levando a assistênci a, de pé, aplaudí-los demoradamente:

"Exalteiros, em coro imenso, a Pátria-irmã aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta", disse Guerra Junqueiro.

— "Eu, beijando-lhe a fronte, beijo o Brasil no coração!"

Era a consagração máxima ao poeta, que, no seu próprio país, um ano antes, na homenagem que lhe prestara o Exército Brasileiro, a 6 de novembro de 1915, asseverara com ufania:

"Sou, apenas, poeta; e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo."

De fato, o que mais o caracterizou foram os constantes arroubos de entusiasmo, máxime no tocante aos movimentos libertários e progressistas que, de quando em quando, agitavam as multidões.

É bem vero que ele se revela, por vezes, contraditório, o que não invalida o alto conceito de madureza que o abandono da boêmia lhe trouxera.

A sua obra de poeta e jornalista apresenta, sempre, em consequência, uma feição bipolar. Situa-se entre o efêmero e o ideal; o amor puro e o sensual; a beleza física e a espiritual; a negação e a afirmação; o materialismo e o espiritualismo, num caminhar vibrante em busca da perfeição", observa o General Moacir Araujo Lopes.

Se a constante é a perfeição, não se lhe poderá emprestar sentimento contraditório nas manifestações animicas que sua pena ágil procura fixar.

Na supra-referida oração, no Clube Militar, ele confessa, como que arrependido "...Também me envergonho hoje da frívola e irônica literatura, que deixei pelos jornais, muitas vezes clevada do fermento anárquico."

Espírito progressista, era, contudo, um sentimental. Sua extensa obra de cronista, por quatro décadas, focalizou as "tristes contingências das vidas sem horizontes". Estreara na cidade do Rio escrevendo sobre as crianças exploradas, quer por pseudas mães, quer no penoso trabalho das fábricas. Socialista à maneira de George Sand, expendeu, em 1913, candente censura à legislação em vigor, que, apenas, proíbe a exploração de menores de oito anos na indústria, permitindo aos de outras idades, criaturas humanas em botão, ser

lançadas a centros sem luz, sem ar, faltas de asseio, sujeitos à fadiga lenta, ao envenenamento inevitável da agitação febril.

Suas idéias, no entanto, não alcançam as camadas sociais superiores, de modo a colher, de pronto, o remédio reclamado.

O analfabetismo, no seu entender, é a gênese de todos os males.

Em famoso discurso de propaganda cívica exclama:

"Não está acabada a obra da Independência, da Abolição e da República."

E assim convicto, empreende campanha energica em benefício da erradicação do analfabetismo em nosso País, "que não tem força para se impor ao respeito dos outros", por contar com milhões de illetrados...

Olavo Bilac, que visitara a Europa mais de quinze vezes, em pleno período sangrento da I Guerra Européia, chegou à conclusão:

"o que está convulsionando o mundo é o amor à conquista de terra e de mares, o amor à expansão do comércio, o amor do interesse utilitário".

Os problemas que se relacionavam com a defesa nacional há muito vinham preocupando o espírito solerte de Bilac, nascido sob o signo marvótico de 1865-1870.

Acreditando nos perigos externo, próximo ou remoto, e interno — a quebra da unidade: a anemia do caráter e do patriotismo, a escassez de instrução, o acúmulo de erros administrativos, as cobicanças e a tristonha indiferença em que vegeta o povo incauto, expõe estes seus pontos de vista nas conferências com que sacudiu a opinião pública através do solo pátrio, em prol do serviço militar compulsório, que vinha encontrando obstáculos à míngua de propaganda.

Certa feita, em 1906, descrevendo a parada militar de 7 de setembro, encarou-a debaixo de suas exterioridades, asseverando que um desfile marcial é o espetáculo mais empolgante que se pode dar ao povo.

Bilac, aliás, sempre manteve grande admiração pelas glórias militares.

Desde criança ouvia a séria ameaça dos pais aos filhos peraltas e indóceis:

"Olha, se facilita comigo, ponho-lhe uma farda às costas!" o que, geralmente se concretizava.

Enquanto por toda a parte do Velho Mundo ser soldado era meritório, pois decorria de um dever cívico, no Brasil consistia em agravo, castigo de marginais.

A guerra que avassalou a Europa, levando-nos a participar do tétrico conflito, fez explodir pelo nosso país amplo e irrepreensível movimento de entusiasmo cívico.

Coube a Olavo Bilac o honroso mandato de propagandista do serviço militar obrigatório.

E parte resoluto, em 1916, a percorrer as principais cidades dos Estados brasileiros, indo, por vezes, a localidades distantes, no interior, para levar-lhes a palavra erudita e convincente de que urgia armar o Brasil, porquanto, armando-o, estariam a defendê-lo.

As atrevidas objurgatórias de impertinente militarismo, retrava Bilac:

"Profissionais devem ser os diretores do quartel livre e democrático, e essa profissão deve ser cercada de todo o prestígio, de toda a garantia, e de um caráter sagrado. Medo do militarismo? Mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo dos soldados; porque seria infantil e irrisório que todos os cidadãos tivessem medo de si mesmos, das sombras de si mesmos."

Eterno semeador de entusiasmos, sua alma vibrante soube comunicar-se às multidões, levando-lhes a centelha de seu patriotismo infatigável.

Já dera provas de seu otimismo salutar em diversas campanhas a que fora convocado a auxiliar. Em 1904, por haver publicado crônica sobre efeitos dos exercícios físicos sob o título *Salamina*, em que admitia o desenvolvimento muscular como inicio de educação cívica, as sociedades do remo lhe ofereceram opiparo banquete. Ao agradecer o cordial ágape, diz o homenageado aos participes do esporte náutico:

"Quando, no lusco-fusco de antemanhã, saltais da cama, e, roubando duas horas ao sono, ides encher de ar salitrado os pulmões, é principalmente a alma que ides fortalecer na contemplação do mar infinito, coberto de trevas, do céu sem raias, ainda salpicado de estrelas."

Precursor da campanha de alfabetização, em 1905 escreve crônicas reclamando escolas. Muitas e boas!

"Ah! Quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primárias, menos aparência e mais fundo, menos retórica e mais cartas de a-be-cê!"

O que caracteriza as nacionalidades é o idioma, e, para Olavo Bilac, corriam sério perigo, que o melhor exército e a maior esquadra não lograriam afastar, se não houvesse enérgicas providências para erradicar dos núcleos germânicos no sul, o uso de sua língua materna.

Não que fosse o poeta nativista, como, à época, campeavam os jacobinos. Tanto assim que, unindo-se ao caricaturista Julião Machado, publica revista de defesa da colônia lusa.

Indo a Portugal, mais tarde, beija a estátua do conspícuo autor de *A Mão e a Luva* e discursa num banquete que lhe oferecem os diretores da *Atlântida*, revista literária, censurando a descabida ironia que visa a

"matar por envenenamento gradual, sarcástico, infecundo, estiolar de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da comunhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão nem misericórdia..."

Ele que fora um encarniçado trabalhador da pena, e que já se revelara exímio cronista, durante mais de um vintém, em 1902, com a presença de Rejane no Rio, tornou-se também crítico teatral. Quatro anos depois se dedicava a outro gênero literário em voga: a conferência, lotando, aos sábados, o Salão do Instituto de Música com excelente auditório, constituído das figuras mais representativas do cenário cultural, ávido de sua palavra mágica, plena de reais ensinamentos.

E tantas foram as conferências proferidas, ampliações de trabalhos e crónicas antigas que enxamearam os jornais e periódicos, que Bilac as reuniu em volume, como de seu feitio, sob o título: *Conferências Literárias*.

É nesse comenos que Bilac enceta a organização de um Dicionário Analógico, labor pertinaz, diário, em que viria consumir seis longos lustros.

Trabalho de garimpeiro, como ele próprio o estimava.

Por múltiplas facetas de sua enigmada personalidade — poeta, orador, jornalista, abolicionista, *conteur*, cronista, conferencista, republicano, nacionalista, professor, inspetor escolar, secretário do Executivo Municipal do ex-Distrito Federal e do Governo do Estado do Rio de Janeiro, representante do Brasil em vários certames culturais estrangeiros etc. — foi Bilac até aqui encarado.

Haveremos, agora, de ressaltar o apostolado cívico do eminente brasileiro vivido com intensidade, de 9 de outubro de 1915, quando proferiu o famoso discurso na Faculdade de Direito de S. Paulo, até o seu aplaudido regresso ao lar, exausto da magnifica campanha, para o ocaso doloroso que o conduziu à glória eterna.

Olavo Bilac, patriota e nativista, civil que imensuráveis e relevantes serviços prestou à coletividade brasileira, máxime através do Exército Nacional, só agora vem sendo ressaltado e o preito de gratidão manifesto em sua data genetliaca. Fazendo-se desta efeméride o *Dia do Reservista* e tornando-se o grande propugnador do Serviço

Militar obrigatório. *Patrônio do Serviço Militar*, resgatou-se, ainda que com relativo atraso, parcela de uma grande dívida.

Silvio Romero, em "Doutrina contra Doutrina", expõe, em admirável síntese, o papel eficaz que sempre soube representar o Exército oportuno e benéfico, nas campanhas patrióticas populares, como na Independência do país, na Abolição da Escravatura, na derrubada do regime monárquico e alijando do poder alguns governos mal intencionados e retrógrados quando se faz mister.

Se o Exército jamais obrou fora dos sãos princípios, para garantir a soberania nacional, a politicalha, por vezes, lhe acarreta danosos prejuizos.

Exemplo disso, as campanhas civilistas com o escopo de ofuscar o nome do incômodo Marechal Floriano Peixoto e de evitar a eleição do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca à presidência da República.

Quando era Ministro da Guerra essa última patente, o sorteio militar foi como que arrancado do Congresso Nacional com a lei da reorganização do Exército, em 1908.

Transcrevemos, com oportunidade, trechos de — Bilac, o patriota —, de autoria do Tenente-Coronel João Capistrano Martins Ribeiro, inserto em *A Defesa Nacional*, n.º 604, de nov/dez de 1965:

"Nesse ano lembraram-se de promover uma homenagem à Bandeira Nacional. Bilac assinava o manifesto distribuído. Feita pela primeira vez em São Paulo essa comemoração, de iniciativa do professor José Feliciano, oficializou-se em todo Brasil, em desagravo à insólita quanto antipatriótica atitude de um padre que, nas exéquias de alunos da Escola Naval, recusara-se a cobrir o caixão com a Bandeira a pretexto de que "Ordem e Progresso", lema positivista, não podia de público figurar numa cerimônia católica.

Data daí a exacerbão patriótica de Bilac.

Empolgado pelo ideal de um Brasil grandioso, integrou-se nas coisas da Pátria, voltando-se para as classes armadas onde julgou encontrar os elementos, por natureza, já coordenados e coesos na defesa dessa Pátria que a politicagem dissolvente de todos os tempos procurava desagregar.

O baluarte do civilismo era São Paulo. Lá o candidato civilista tivera a sua maior votação nas eleições de 1910.

Essa política estava fora das trincheiras com o término do governo Hermes. E 1915. Já o Velho Mundo, há um ano, estava em chamas ou sob a metralha. Era necessário aproveitar o momento e botar o sorteio militar em execução. Nesse mesmo momento Bilac passa do subjetivismo doutrinário para o objetivismo da ação. A sua

missão é pregar a necessidade da execução do sorteio na cidadela do civilismo. E a 9 de outubro, na Faculdade de Direito de São Paulo, o grande parnasiano, cruentamente, com ar de cabo-de-guerra, em momento de batalha, sintetizava a situação dolorosa que o país atravessava, concitando o auditório, e a mocidade em particular, para a luta que devia preparar a defesa do Brasil.

Nós éramos Sargento do 2º RAM, em Curitiba, no Paraná, onde tivemos a honra de conhecer esse herói desconhecido, Bilac, que transformado de poeta em professor de patriotismo e de civismo, andava por toda parte a chamar, com palavras fortes, a mocidade ao cumprimento do dever para com a Pátria. Num verdadeiro sacerdócio de civismo, percorreu outros Estados na sua faina de levantar a moral dos brasileiros.

Fato interessante de assinalar: Ele que era velho jornalista teve toda a imprensa contra si. E sofreu toda a campanha e motejos dessa imprensa, sem nenhuma defesa.

Espírito superior não se defendeu. Não era culpado. Não tinha de que defender-se.

Só em certa época apareceu Humberto de Campos, fazendo-lhe justiça em duas crônicas que publicaria mais tarde no seu livro "Carvalhos e Roseiras".

É notável estudar-se a vida de Bilac no último decênio de sua vida, de 1908 a 1918.

Mas para fazer sobressair os benefícios consideráveis de sua atuação relevante na execução do Serviço Militar, basta lembrar e considerar como em São Paulo foi aceito esse instituto nacional.

Nós fomos parte no momento e, portanto, tivemos ocasião de observar e avaliar a ponderável influência que o sorteio militar exerceu na alma da população bandeirante.

Para melhor entendimento e comprovação de nossas assertivas esboçamos ligeiramente alguns fatos importantes passados na época (entre 1915 e 1918), não só por interessantes, mas, também, por terem natural ligação com a nossa exposição.

Em 1915 a remodelação do Exército trouxe, sorrateiramente, no seu bojo, a extinção de algumas Regiões Militares e consequente diminuição dos efetivos, importando na extinção, também, de várias Unidades, e a justificação para isso apresentada era a de todos os tempos: falta de recursos.

Para os que tinham olhos de ver, essa obra era, simplesmente, uma maneira disfarçada do civilismo para deturpar a obra patriótica do Marechal Hermes da Fonseca (Reorganização do Exército), que para nossa felicidade val sendo recomposta nestes últimos anos pelo Estado-Maior do Exército.

versos: *Música Brasileira*, *Língua Portuguesa* e agora, ali, se imortalizava com o sublime soneto:

PÁTRIA

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Círculo! e teu perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde,
minho que gorjeia em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, rebento em luz e em cánticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E, eu morto, — sendo tu chela de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, com as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!

Bilac, esteta, maravilhava-se com os encantamentos da nossa natureza, não perdendo, todavia, o senso de realidade, revelando-se com isso profundo sociólogo. Daí suas apreensões.

“O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal, não há nobreza de alma, sem nobreza de alma, não há interesse, não há coesão; sem coesão não há pátria.”

E numa veemente oração, inserta em “Últimas Conferências e Discursos” de sua lavra, lança enérgico protesto:

“Não podemos mais perder tempo. Estamos sendo arrastados para a ruina. Defendamo-nos!”

Foi quando Gregório da Fonseca, então Capitão do Exército, prestigioso elemento de sua grel e também artista, conhecendo profundamente a capacidade cívica do seu amigo, o perfeito amálgama do homem sociável e elegante com o famoso poeta de palavra es-correta e patriotismo exaltado, aponta o nome de Olavo Bilac aos meios militares, como o paladino das vibrantes jornadas que a Pátria reclamava!

“Só é completo e perfeito”, diz Humberto de Campos, “o que é sincero e natural.”

Bilac era o protótipo do homem elegante: elegante no linguajar, nas maneiras de vestir-se, ao modo de conduzir-se na sociedade e entre os mais íntimos. Em suma: constituiu-se o legitimo expoente da elegância, no seu triplice aspecto — físico, intelectual e moral.

E sob esse derradeiro ponto de vista, moralmente, o homem completava o poeta.

O vate conservou nos sentidos, no poente da vida, os mesmos ardores da sua luzente alvorada.

A musa tornou-se, apenas, pudorosa. A que lhe servira de amante apaixonada, passava a ser, afim, companheira confortadora.

In gente e frutuosa tarefa que lhe afetaram. Homérica jornada cívica que o Apóstolo houve por bem empreender, para cumprimento do dever imposto. A lei do serviço militar exigia sua imediata execução, porém era patente o divórcio entre as duas classes, com real prejuízo para a Defesa Nacional. A sociedade, *ratinée*, menos intimidade queria ter com a caserna.

Bendita, pois, sua valiosa intervenção. Foi elo, destarte, o precioso hifén entre o meio militar e o civil, o que logrou extinguir de vez essa inexplicável ojeriza que o paisano votava às forças armadas, aliançando-os para a garantia da nacionalidade e o progresso do País.

Bilac, assim chamado à luta, se lança à remagem cívica que, durante três anos consecutivos teve o seguinte roteiro (conforme o registro de Afonso de Carvalho em *Bilac*, magnifica obra deste ilustre escritor).

Em 1915 — A 9 de outubro discursa na Faculdade de Direito de São Paulo. A 14, fala na Faculdade de Medicina, na paulicéia.

A 6 de novembro, pronuncia discurso de agradecimento na homenagem que lhe tributava o Exército, no Clube Militar, e, no dia 19, profere a famosa "Oração à Bandeira", no Batalhão de Guardas.

Em 1916, vai à Europa, sendo alvo de grandes manifestações na Academia de Ciências de Lisboa e na revista *Atlântida*, onde recebeu lauto banquete, oportunidade que levaram a proferir formosas orações.

Indo a Minas Gerais, no mês de agosto, a 24, fala aos estudantes e, a 26, discursa na Academia Mineira de Letras, pronunciando, no dia seguinte, memorável oração de agradecimento, no grande banquete que lhe é oferecido na capital montanhosa.

A 7 de setembro é o orador oficial na sessão de instalação do Diretório da Liga da Defesa Nacional, no Rio de Janeiro.

A 1.º de outubro, já no Estado do Rio Grande do Sul, fala na Intendência Municipal de Porto Alegre. No dia seguinte, dirige-se em memorável oração ao povo rio-grandense. No dia 4, faz uma conferência na Academia de Letras do Rio Grande do Sul. E nos dias 11 e 12, respectivamente, dirige-se, em vibrantes alocuções, aos estudantes gaúchos e à guarnição da capital do Estado.

De regresso, vai ao Paraná e no dia 17 de novembro discursa no Centro de Letras de Curitiba e da Universidade estadual.

Em 1917 — vai em março a São Paulo. No dia 19 pronuncia conferência na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. No dia 28, discursa em Santos, tendo a 22 falado na Escola Normal de São Paulo. A 2 de abril discursa no banquete que lhe oferecem na capital paulista.

Como coroamento desse ano agitado, a 15 de novembro ora na sessão cívica do Diretório Regional da Liga da Defesa Nacional no Estado fluminense. E na Festa da Bandeira, 19 de novembro, nos Colégios Aldridge e Paula Freitas do Rio de Janeiro.

Da maioria desses marcantes passos oportunas menções já foram feitas, sendo, ainda, dignos de relevo especial, agora, a *Oração à Bandeira*, proferida a 19 de novembro de 1915, no tradicional Battalhão de Guardas, e a lapidar sentença:

"Deus vos inspire e a Pátria vos abençoe!" ao fundar a Liga da Defesa Nacional, a 7 de setembro de 1916, com Pedro Lessa e Miguel Calmon, entidade que, até hoje, "alimenta e projeta a chama dos ideais dos seus fundadores."

E num dos pontos culminantes de sua ativa peregrinação pelo Rio, Paraná e o extremo Estado sulino adverte:

"Para que haja Pátria, disse eu, é necessário que haja unidade e coesão. Dentro desta necessidade, é claro, podem entrar todos os credos políticos e religiosos. Só não pode entrar aqui a absoluta e absurda ausência de todo o credo..."

... "A grande Pátria aceita todos os credos: só não aceita os que nada crêem."

A magia de sua palavra profética não alcança apenas os moços, a fim de encorajá-los a envergar a honrosa farda, mas também os oficiais, a quem traça rumos decisivos, educadores nos quartéis das Forças Armadas.

"O que é preciso é que esses encontrem no quartel oficiais dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente oficiais, isto é, educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, limitando toda a sua energia e a sua fé ao exercício da sua missão, unicamente e essencialmente brasileiros, afastados das lutas partidárias religiosas ou políticas, porque qualquer partidismo diminui o valor moral do oficial..."

Eis a linda e antológica:

ORAÇÃO A BANDEIRA

Bendita sejas, Bandeira do Brasil!

Bendita sejas, pela tua beleza! És alegre e triunfal.

Quando te estendes e estalas à viração, espalhas, sobre nós, um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas

nossas cataratas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beliou os píncaros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulício e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso.

És formosa e clara, graciosa e sugestiva. O teu verde, cor da esperança, é a perpétua mocidade da nossa terra e a perpétua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pai das nossas searas e dos nossos sonhos, rumo da fartura e do amor, fonte inesgotável de alento e de beleza. O teu azul é o céu que nos abençoa, inundado de soalheiras ofuscantes, de luares mágicos e de enxames de estrelas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa história, as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Pátria, o sofrimento das horas difíceis e o delírio dos dias de vitória; para ele, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escala ansiosa, quatro séculos de beijos e de preces; e pelos séculos em fora irão para ele a veneração comovida e o culto feticista das multidões de Brasileiros que hão de viver e lutar!

Bendita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e pensamos. A tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em vales melgos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas em que se escondem turvelins de existências e tesouros virgens; fluem as nossas águas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso comércio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplêndidos, agora remansadas entre selvas e colinas; e sorriem os nossos campos, cheios de labouras e de gados, cheios de casais modestos, felizes no suado labor e na honrada paz.

E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magníficas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cérebros, e resfolegam fábricas, e estrugem estaleiros, e voziam mercados e soletram escolas, e rezam igrejas!

Bendita sejas, pela tua glória! Para que seja maior a tua glória, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a pena. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma obleta, os aromas dos jardins e os rolos do fumo das chaminés; e sobe o hino sacro de todas as nossas almas, ressoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, — vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas, o fervor dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o esfuziar dos ventos, o remalhar das matas, o murmurijo dos rios, o regougo do mar, o gorjelo das aves, todas as músicas secretas da natureza, as cantigas inocentes do povo, a serena harmonia criadora das liras dos poetas.

Bendita sejas pelo teu poder; pela esperança que nos dás; pelo valor que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa vitória, que canta a chispa no frêmito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bendita sejas pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no território imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da família brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes, e estímulos aos desanimados!

Bendita sejas! E para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande asa, sobre a definitiva Pátria, que queremos criar forte e livre, pacífica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lírica, mas escudada de energia e de prudência, de instrução e de civismo, de disciplina e de coesão, de exército destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bendita sejas para todo sempre, Bandeira do Brasil!"

* * *

1918 foi para o Brasil um ano de galas e de luto; de justas alegrias e irreprimíveis prantos copiosos.

É que a epidemia mortifera que tantas vítimas fizera em todo o mundo, também exigiu de nós elevado coeficiente, enlutando, no decurso do mês de outubro, principalmente, sem a menor sombra de exagero, a maioria dos lares brasileiros, sem distinção de classe social, idade, raça ou credo.

Ao mesmo passo, a 11 de novembro, paradoxalmente, os aplausos estrugiram com calor à nova do término da I Guerra Mundial, que, por quatro longos anos, ensangüentara as terras europeias, exigindo, outrossim, de nós, vultosa soma de sacrifícios, traduzida em auxílio pessoal e material, além de preciosas vidas ceifadas nos freqüentes torpedeamentos dos nossos navios mercantes, dentro e fora das águas territoriais.

Quase ao bulício das festas natalinas, quando a cidade do Rio de Janeiro, como a querer olvidar o lutooso transe por que passara, se preparava para os festejos religiosos do nascimento de Jesus, verte sentidas lágrimas à notícia da morte do seu querido vate, o inesquecível poeta — soldado, o que, ainda há pouco, com seu fluente verbo encandecido soubra abrasar o coração da mocidade em delírio.

Mas não só por esse aspecto o menestrel será sempiternamente pranteado. Seus poemas, que viveram bailando nos lábios das jovens do inicio do século, viverão recordados através dos tempos, porque imortais. E que Bilac sempre se revelou um artista. O que produzia era simétrico e elegante.

Afonso de Carvalho, um de seus biógrafos, afirma que o grande bardo "sujeita o seu estro, que não deixa de ter o fogo tropical e a sensualidade da terra a uma rigorosa disciplina."

De fato, com a maneira serena de um grego, tece o fruto de sua pujante inspiração e arte, deixando-o como primorosa jóia. Para tanto.

"Torce, aprimora, alteia, lima

A frase: e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima

Como um rubim".

Lavor de artifice, obra beneditina, por vezes imitando, nesses desvelos, Baudelaire, que costumava escrever primeiro em prosa seus poemas excelentes, para depois compô-los em magistrais estrofes, Bilac burila em seus sonetos os motivos emocionais que, antes, lhe houvera servido de temas nas crónicas, nos contos e nas fantasias. Vários são os exemplos desses poemas: *Os Sinos, Vila-Rica, Natal, Perfeição*, cujas raízes se encontram em belas colunas jornalísticas.

Seu gabinete de trabalho, opício das gemas que o volume "Poesias", qual rico escrinio, encerra por irrisão da sorte, veio acolhê-lo, agora, nos momentos dolorosos dos acessos dispnéicos, naquela própria poltrona onde, ante laudas de papel, vazava o esplendor de onimodo talento, receoso, contudo, da morte infalivel que viria, em breve, cerrar-lhe as pálpebras, mergulhando-o no temido ocaso que sempre o atormentou.

Suave tenda de labor, local em que, pela manhã, escrevia crônicas e "à noite, no silêncio, janelas abertas para o céu, pensamento vago, flutuando, liberto dos contágios das realidades," compunha versos, seu gabinete arrumado refletia bem o espírito ordeiro de seu dono, que nunca foi surpreendido, por igual, em desalinho, até por incômodas visitas matinais...

Esse óbito, entretanto, teve penoso prólogo e sua enfermidade adveio do desgaste físico a que se submeteu durante a gloriosa campanha pelo país afora.

O triénio anterior fora, com efeito, para Bilac, de intensas atividades, de agitação trepidante.

A Campanha cívica em que se empenhava com desusado entusiasmo, arrastando para a caserna a juventude ardorosa de patriotismo, muito combaliu as energias do Apóstolo da Fé, o supremo cantor da Pátria.

Vê-se ele, por isso, obrigado a recolher-se à sua residência, o majestoso palacete da Rua Barão de Itambi, n.º 35, sito no aristocrático bairro de Botafogo, onde demorou tantos anos.

Sua enfermidade, que realmente não foi prolongada, porque letal, obrigou-o ao isolamento dos amigos, a fim de curar-se, pois, dessa feita, sentia não ser impressão de seu temperamento ciclotímico, mera nosofobia, que a mílde o perseguia ao despontar de sintomas de moléstias passageiras que o acometeram desde moço.

A tuberculose e o Mal de Hansen, as dores do fígado, do estômago, dos pulmões, tudo, em suma, era motivo para severas apreensões, que o faziam logo arredio, ausente dos ruidos, das algazarras (celafocia), tal o abatimento em que se engolfava.

A idéia de morte, desde os tenros anos de existência, apesar da boémia em que vivera, ou quiçá por isso, sempre o empolgou demasiado. Nem admitia que se falasse em morte onde estivesse. Necrofobia era o que o dominava...

Olavo Bilac poderia repetir Montaigne: "ce n'est pas la mort que je crains, c'est de mourir."

O poeta ama a vida apaixonadamente, porém não se descuida de visitar os sepulcrários, ao menos no Dia dos Finados, escrevendo a seguir, crônicas nas páginas dos jornais. Por diversas vezes descreve a Necrópole, onde as flores sorriem, o cristal da manhã cintila, os mármores fulguram, os chorões e as casuarinas adquirem viço e os coveiros iniciam a jornada cantarolando. Destarte, procura o cronista sublinhar que os cemitérios são tristes só para os que não os frequentam profissionalmente. "Pergunte-se às borboletas do S. João Batista e aos colibris do Caju se acham tristes aqueles jardins, repletos de estátuas brancas e árvores verdes, com muito céu azul e muito céu claro em cima." Assim se expressa Bilac em a *Notícia*, vespertino em que colaborava com assiduidade.

Agora, entretanto, a doença de Bilac era verídica, e não temor infundado, segundo o parecer de erudito professor e acadêmico, que o examinou detidamente, Antônio Austregésilo:

"Olavo Bilac, solteiro, 52 anos, brasileiro, literato, inspetor escolar aposentado, morador no Rio de Janeiro. Estado geral-precário, com acentuado emacionamento. Aparelho circulatório: Coração hiper-trofiado, sobretudo o ventrículo esquerdo; o tom aórtico mais acentuado que no normal; ritmo de galope inconstante; às vezes arritmia. O pulso com ser freqüente, não se achava pleno, nem muito hipertenso.

O aparelho respiratório denunciava ronquidos, ligeiros sibilos e estertores crepitantes da base dos dois pulmões, indicativo do edema crônico dos órgãos."

O médico assistente Dr. Henrique Venceslau —, seu ex-colega de turma da Faculdade de Medicina, quis, apesar da confiança que

o enfermo lhe depositava, fosse ainda ouvida a opinião dos professores Miguel Couto e Henrique Roxo, o que não se concretizou por oposição do poeta.

Infelizmente, o diagnóstico era inconcusso: insuficiência cardíaca e edema agudo do pulmão.

O mal perseverante de quase duas décadas veio agravar-se ao início do ano ora em curso pela primeira visita da angina, logo debelada. Acostumado ao trabalho intelectual cotidiano, não esmoreceu nesses quefazeres, levantando-se cedo, barbeando-se, procurando trair-se com aquele apuro habitual, para, embora com esforço, prosseguir na elaboração do *Dicionário Analógico* e escrever seus artigos.

A propósito deste Dicionário vale a curiosa cita de Medeiros e Albuquerque:

"Bilac privava extraordinariamente uma distração: decifrar charadas, enigmas e logógrafos. Sempre que, no fim de cada ano, aparecia o *Almanaque de Lembranças*, ele passava dois ou três dias em casa, entregue à tarefa de decifrar tudo o que no "Almanaque" encontrava. E era, por tal razão, emérito e hábil neste esporte. Foi por causa disso que se lembrou de fazer o dicionário analógico da língua portuguesa, em que trabalhou durante tantos anos."

Aquele velho hábito de adentrar pela noite trabalhando, ele o modificou depois que também se viu vitimado pela *gripe espanhola* que assolou o mundo e sacrificou grande parte da população carioca.

O mês de novembro veio encontrá-lo desanimado, acometido, com freqüência, de vertigens.

— É o começo do fim..., di-lo, de quando em quando, à sua irmã Cora e ao cunhado Alexandre Lamberti, que dele cuidam.

O armistício que extinguiu a fogueira na Europa, apesar de seu espírito aladífilo, animou-o, mas não o levou ao paroxismo a que seria conduzido se a enfermidade não estivesse consumindo celerrimamente as suas energias.

Ingere os remédios com resignação, porquanto continua amando a vida, embora se reconheça assaz doente, a ponto de exclamar com melancolia: "Isso segue a marcha fatal."

Certa noite do fim de novembro, após jantar no quarto, solicita a seu sobrinho Ernâni lhe traga acesso o fogareiro no qual D. Cora, às vezes, faz doces, e lança às chamas seis maços de manuscritos que houvera retirado da gaveta: três poemas — *Salomé*, *Satã* e *Jó* — e três dramas em versos, inominados.

Estarrecidos os presentes, Bilac justifica: — "A obra de arte é uma questão de qualidade e não de quantidade. Quem, como eu, presou o estilo e a forma, deve ter o orgulho de artista do velho Bolleau e este ensina através de Horácio: "*Policez et repolicez sans cesser.*"

— Mas, por que fez isto? Perguntou-lhe a irmã.

— Não terei tempo de acabar mais nada, foi sua resposta desalentada.

Sucedem-se as crises. As dispnéias o mortificam. O professor Henrique Roxo, agora seu médico assistente, acolhe em conferência os professores Antônio Austregésilo e Aloísio de Castro e acordam numa sangria. O enfermeiro Pedro Luis executa-a e o paciente experimenta algumas melhorias. Retoma, em consequência, Bilac, a leitura e procura escrever, o que executa com certa dificuldade.

Julga poder, em breve, reconstituir o que destruíra havia pouco, tais as melhorias que experimentava, fícticas todavia.

Sobrevindo-lhe novo assalto gripal, distúrbios insanáveis prostram o poeta em definitivo, firmando o ilustre facultativo o diagnóstico final: "insuficiência cardio-renal típica; coração impotente; albuminúria, deficiência do filtro renal; edema crônico, na base dos dois pulmões; fígado congestionado, duro".

Tomado de psicose, com confusão mental, de origem autotóxica.

A propósito, escreve o Professor Antônio Austregésilo, entre outras observações, o seguinte, na *Revista da Academia Brasileira*:

"Bilac delirou os últimos dez ou quinze dias. Apresentava-se com crises de agitação e por isso foi removido para uma Casa de Saúde. Lá permaneceu. Tornou ao lar feliz e carinhoso da irmã, onde os parentes, amigos e admiradores rezavam fervorosamente para a minúcia dos padecimentos do poeta enfermo. Suas últimas palavras proferidas não foram raciocinadas, como disseram os jornais. Aquela alma já estava extinta. Tinha deixado, em seu lugar, a insânia, como anestésico irônico para um espírito, que fora dos mais formosos, senão o mais formoso dos que viram a luz da Pátria. Talvez sua alma, cansada de padecer, fosse conversar os astros e confabular com as estrelas, como fora, em vida, seu feitio, e deixasse, em seu lugar, a guia mitológica do amor."

De novo, em casa, crises consecutivas exigiam o máximo de atenção dos que o cuidavam. A estes costumava recomendar, de quando em quando:

“— Não se esqueçam de dar corda naquele carrilhão (apontando para o grande relógio existente no alto de sua mesa de trabalho). Parece-me, às vezes, que, quando seu pêndulo parar, meu coração também parará.”

Desde o início do mês de dezembro que Bilac pressentia aproximar-se o desfecho de sua grave enfermidade. A Heitor Lima, seu amigo íntimo e confrade nas letras, confessava: — “Não tenho mais qualquer dúvida quanto ao meu próximo fim. Estou regulando minhas últimas disposições, revendo rapidamente os meus papéis, dando a última demão a todos os meus negócios.

Minha morte agora é oportuna; não vai prejudicar ninguém; e de algum modo beneficiará minha família; tenho algumas economias com as quais tencionava ir mais uma vez a Paris, um pequeno seguro de vida, um montepio, contrato com a livraria, e alguns volumes a publicar. Tudo quanto a existência pode proporcionar de doçura e prazer, e também de mágoa, eu libei, e travei. Que mais me falta conhecer na vida? — A morte. Eu a espero."

As proximidades da segunda quinzena desse ridente mês de Natal, seu estado val-se agravando.

"In extremis" é seu poema-desejo. Não almejava morrer assim, em um dia fulgurante de sol, no esplendor do fim da Primavera.

De fato, na antemanhã do dia 18 de dezembro de 1918, sentindo-se mal, a custo se ergue e, amparado por familiares, chega à poltrona que trouxera de Londres na derradeira viagem à Europa, onde repousa um pouco.

As quatro horas, como que despertando pede café. Há alarme. Bilac, lançando um vago olhar pela janela, diz:

— Amanhece. Dêem papel e pena. *Je veux écrire...*

Foi-lhe dado o que pedira, porém, sua mão, sem energia, nada consegue escrever. Fazendo pequeno gesto, recosta a cabeça e morre serenamente, enquanto o pêndulo do carrilhão, segundo pessoas da família atestam, também cessava de oscilar.

Era uma nevoenta manhã, sem o brilho ofuscante de Febo, a em que emudeceu o canoro aedo, como estimava poder cerrar os olhos, levando a última imagem da terra que tanto estremecera.

A dolorosa notícia de seu trespasso, conquanto esperada, encheu de tristeza e luto a cidade. Os jornais tarjam suas colunas e sentidos necrológios são vazados por seus antigos colegas de imprensa.

Acorrem logo à residência do ilustre morto amigos e confrades da Academia Brasileira de Letras, sendo dos primeiros Coelho Neto e Domicio da Gama.

O corpo de Olavo Bilac é conduzido para a sede da Academia, no edifício do Silogeu Brasileiro. Ai chegando o ataúde, o escultor Modestino Kanto tira, em gesso, a máscara mortuária do poeta, que é conservada naquele cenáculo.

O enterro é realizado na tarde do dia seguinte, sob uma chuvinha insistente, o céu cinório, sem luz, como desejava o vate. A tristeza é geral.

Pouco antes da hora marcada para o saimento do féretro, começam a chegar as altas autoridades civis e militares.

A carreta de artilharia que servira para conduzir o corpo do legendário Osório para o cemitério, ali se achava agora para transportar os despojos do Poeta da Pátria ao sepulcro.

O Presidente da República, Dr. Delfim Moreira, acompanhado do Ministro da Guerra, General Cardoso de Aguilar, comparece às solenidades fúnebres, demorando-se junto ao esquife até a hora marcada para o enterramento.

Em volta do caixão mortuário, onde ardiam seis grandes tochas, achavam-se, em sentida vigília, pequenos escoteiros.

No instante em que se preparam para cerrar o ataúde, ouve-se, em surdina, o *Hino à Bandeira*, de autoria do imortal poeta, música do maestro Francisco Braga, cantado pelos discípulos de Baden Powen e cadetes da Escola Militar, como se a voz da Pátria, pela garganta da mocidade brasileira, estivesse alimentando a mais pungente homenagem do dileto filho na hora extrema de seu lutooso ocaso.

O pranto rola pelas faces dos presentes. A tumba é transportada para a carreta pelo próprio Presidente da República e pelos senhores Rui Barbosa, Coelho Neto, Pedro Lessa, Alberto de Oliveira, todos da conspícua agremiação literária cuja cadeira número 15, patroneada por Gonçalves Dias, pertencera ao príncipe dos poetas do Brasil, pelo Marechal Bento Ribeiro e outros.

Sua eterna enamorada lá se encontrava — Amélia de Oliveira.

Antes, contudo, de os restos do inovável jornalista e bardo serem retirados de sobre a negra e agaloada essa, o romancista Coelho Neto rompe o silêncio sepulcral e profere o "Adeus da Academia", discurso comovente, repassado de profundo pesar, donde se destacam estas indagações iniciais:

"Adeus! Até quando? Até onde? Quem o sabe?"
para assim concluir:

"Que escreveras lá em cima, entre as estrelas, tu que as ouvias e entendias? Não respondes. Levas contigo o teu segredo, o som, talvez mais belo e mais alto, da tua grande lira: o hino da Pátria que adoravas. Faze com ele uma estrela no céu e será mais esplendor para teu nome e glória maior para a terra que foi o teu último e o teu maior amor. Adeus! por todos... e por mim."

No Cemitério de São João Batista, onde foi Bilac inumado, falaram vários oradores, inclusive Pedro Lessa, em nome da *Liga da Defesa Nacional*, cujo intróito foi:

"Senhores! Duas fases compreende a vida deste insigne brasileiro, que foi Olavo Bilac: uma dedicada ao culto da Arte, outra consagrada ao culto da Pátria!"

E após traçar o perfil do pranteado vate, perora nestes termos de profundo sentimento:

"Nem lágrimas, nem panegíricos. Prestemos todos o nosso concurso ao apostolado do poeta, e assim teremos honrado a memória

de Olavo Bilac, tão grande engenho, tão bom, tão nobre, do melhor de todos os cultos, que poderíamos oferecer-lhe, mesmo os que mais de perto o conhecemos, admiramos e amamos, os que não podemos reter o pranto à beira deste túmulo glorioso.

Em marcha vitoriosa para o ideal."

De fato, a multidão que ali se comprimia, sob a chuva miúda — lágrimas do céu escuro, sem estrelas —, não lograva reprimir o pranto, justo preito de saudade das forças vitais da Nação: Governo, Exército, Marinha, Mocidade, Literatura, Escotismo, a Mulher, ao inesquecível vulto das letras pátrias, o eloquente tributo das cruzadas cívicas, quem soube fazer vibrar a alma nacional, despertando-lhe a consciência para que se construisse, em futuro próximo, um Brasil coeso e forte.

Não cessaram, com o fechar do túmulo, com a nívea lápide sobre o sarcófago, as manifestações de pesar por esse infiusto transe. Por todos os quadrantes do país, por longo espaço de tempo, sua morte foi deplorada e sua memória reverenciada.

Na Câmara dos Deputados, além dos parlamentares Otávio Rocha e Augusto de Lima, sentida homenagem lhe foi tributada pela voz do escritor gaúcho Alcides Maia, em extenso discurso do qual se repontam aqui alguns trechos:

"Não me sinto, Sr. Presidente, bastante senhor de mim mesmo, para, sobre a memória de Olavo Bilac, emitir os conceitos que esta Câmara deverá ouvir !

... Farei fora daqui o elogio estético que ele me inspira e que merecem todos os cultores das letras do Brasil; à Câmara apenas recordarei que Olavo Bilac, nos últimos tempos se constituiu em um dos órgãos principais da alma nacional, quando, abandonando a calma de seu gabinete, renunciando ao esplendor e às doçuras de suas visões íntimas, ele, por amor à nossa Pátria, resolveu falar a todos os seus compatriotas, aos velhos e moços, a linguagem da franqueza e da esperança, que a nação, comovida ouviu há três anos.

... A campanha em prol da defesa nacional que Olavo Bilac, aceitando um plano traçado e recebido entre intelectuais, iniciou na velha Faculdade de São Paulo, talvez não se tivesse traduzido nos frutos que produziu, se não fora, além do seu prestígio pessoal, a eloquência do seu verbo, a sinceridade evidente com que ele falava às massas e com que apelava para o que a consciência nacional tem de mais furo, de mais íntimo, essencial e supremo.

Sua influência sobre esse movimento que depois se tornou vitorioso de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, foi uma influência solar, uma influência anônima da luz que se derrama."

Decorrido um triénio de seu óbito, é inaugurado, na Necrópole de São João Batista, o mausoléu do imortal carioca: uma coluna truncada e um livro de mármore no jazigo.

É orador na solenidade o romancista Coelho Neto, do cujo discurso se destacam os tópicos infra:

"Três anos já de silêncio! E outros virão, e virão séculos e o tempo longo, projeção de eternidade, passará sobre este monumento, sem que dele saia voz ou som de vida. E, todavia, este silêncio fala, doutrina e canta. Como? perguntareis. A resposta à vossa interrogação tende-a no livro que ai está.

... É ao livro que vimos todos prestar culto e trazer flores; é ao livro que nos dirigimos porque nele, e não na sepultura, é que se acha contido aquele que buscamos como no Evangelho, e não debaixo da pedra da ara, é que os sacerdotes e os crentes sabem que Deus existe."

A 5 de junho de 1919, a Academia Brasileira de Letras realiza sessão pública especial a fim de enaltecer e glorificar a memória do incrivável aedo, um de seus preeminentes fundadores, o Príncipe dos Poetas brasileiros, honraria excepcional, mas perfeitamente merecida.

Falaram nessa ocasião Domicio da Gama, então Presidente, Antônio Austregésilo, Coelho Neto, Luis Murat, Félix Pacheco, Mário de Alencar e Miguel Couto.

Alberto de Oliveira, seu fraterno amigo, não podendo comparecer, enviou cinco sonetos, que foram recitados por Goulart de Andrade.

Felinto de Almeida declamou dois sonetos de sua lavra, ao passo que Osório Duque Estrada disse versos do eminentemente extinto.

Ao ensejo, Afonso Celso escreveu:

"... Cumpre que, fundido em bronze, figure o busto do poeta na sala das sessões, ao lado de Machado de Assis, o *sacerdos magnus*; de Lúcio de Mendonça, o principal fundador do Instituto, o de Joaquim Nabuco, o preclaro orador que, no discurso inaugural, traçou o programa e expôs os fins da academia.

... Olavo Bilac simbolizará ali as aspirações e os esforços dela: — cultura da língua e da literatura nacional, à luz dos mais levantados ideais cívicos e humanos."

Um monumento em São Paulo é erigido por iniciativa do "Centro Acadêmico Onze de Agosto", no final da Avenida Paulista, a cavaleiro do Vale do Pacaembu, ao nunca bastante festejado aedo, há pouco desaparecido.

O projeto, na parte de escultura, é da autoria de Willian Zodig, enquanto a arquitetura é de Jorge Parembel, nomes famosos nas artes.

A pedra fundamental fora lançada a 20 de abril de 1920.

Em sua inauguração discursaram o autor da idéia e o escritor Amadeu Amaral, sucessor de Bilac na Academia Brasileira.

João de Barros, grande intelectual português, presente à cerimônia, evoca, em vibrante oração, a passagem de Bilac por Lisboa.

Esse monumento, entretanto, não ficou para sempre no local primitivo, porque veio a ser removido para o Parque D. Pedro II e, posteriormente, retirado das vistas públicas.

Sua terra natal — o Rio de Janeiro — também resgata, a despeito de relativo atraso, uma dívida de gratidão. A 28 de dezembro de 1935, dezessete anos após sua morte, o povo carioca faz erigir no Passeio Público, *Jardim dos Poetas*, a herma do menestrel, em bronze, obra do escultor nordestino Kanto.

A cerimônia, que se revestiu do maior brilhantismo, teve a assistência do representante do Presidente da entidade máxima da literatura nacional; do General Pantaleão Pessoa, Chefe do Estado-Maior do Exército, e de crescido número de militares e literatos. Compacta massa popular emoldurava o tocante ato, no qual se fez ouvir, em nome do augusto cenáculo de Machado de Assis, a palavra poética e sentida de Olegário Mariano.

Versos de Olavo Bilac são declamados por seu confrade Feijto de Almeida, a seguir.

O festejado extinto predestinava aquele romântico Passeio Público, cheio de sombras, de lagos, de pássaros chilreantes, local apropriado para ser o "Panthéon dos Poetas e dos Artistas".

De fato, ali vieram ter os bustos de Bernardelli, Nepomuceno, Fagundes Varela, Castro Alves e outros tantos para, em companhia de Olavo Bilac, constituirem a galáxia luminosa dessas expressivas figuras que transitaram pela vida mimoseando-a com as pulcritudes de seus espíritos de escol expressas através das pautas musicais, da maviosidade melódica dos versos cristalinos e da policromia mágica das palhetas.

Bilac, implantado nesse reduto florido da cidade que soube amar e cujas belezas fascinantes decantou em estrofes magistrais, passou a receber a mais eloquente reverência de seu povo a cada dia que transcorre, galardão merecido e eterno, como imperecível o bronze que o simboliza.

Quatro anos defluidos, na mesma data, na Faculdade de Direito de São Paulo, aquela que ele cursou por pouco tempo, foi afixada uma placa énias, com a efígie do Poeta e os seguintes dizeres:

A Olavo Bilac

No momento em que a Pátria

Começa a colher os frutos
da semente que ele plantou
nesta Faculdade

O Governo do Estado de S. Paulo

S. Paulo — XXVIII — XII — MCMXXXIX

Outra placa, por iniciativa do Centro Carioca e do Centro Paulista, foi colocada na casa em que Olavo Bilac viveu.

A praça onde fica o Mercado das Flores, no Rio de Janeiro, recebeu o nome de Praça Olavo Bilac, homenagem, aliás, mui bem cabida, pois as flores sempre foram o ornamento de seus descendentes apaixonados.

E, assim, por todo o país as homenagens se sucederam, até que culminaram com a mais calorosa prestada pelo Exército Nacional e a Pátria Brasileira.

Por iniciativa do então Ministro do Exército, General Eurico Gaspar Dutra, o Governo da República baixa o seguinte:

DECRETO-LEI N.º 1.908, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1939

Institui o Dia do Reservista

O Presidente da República: Considerando a conveniência de reavivar nos Reservistas a lembrança da época em que serviram à Pátria, no Exército ou na Armada;

Considerando que a perfeita estrutura das Forças Armadas se fundamenta no Serviço Militar Obrigatório, do qual foi esclarecido propagandista o cidadão Olavo Bilac;

Considerando que exaltando a patriótica colaboração prestada por Olavo Bilac à instituição desse Serviço eleva-se a cooperação civil necessária ao engrandecimento das Forças Armadas;

Usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º — Fica instituído o "Dia do Reservista" com a finalidade de reavivar o espírito militar dos Reservistas do Exército ou da Armada.

Art. 2.º — O "Dia do Reservista" será comemorado anualmente em 16 de dezembro, data do nascimento do poeta e grande patriota Olavo Bilac, pionheiro da execução da Lei do Serviço Militar.

Art. 3.º — Ficam os Ministérios da Guerra e Marinha autorizados a baixar, em conjunto, anualmente, as instruções necessárias à execução do presente decreto-lei.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1939; 118.º da Independência e 51.º da República.

GETÚLIO VARGAS

Eurico G. Dutra

Henrique G. Guilhen

(Observação: Este Decreto-lei não faz referência ao Ministério da Aeronáutica, por ter sido o mesmo criado em 20 de janeiro de 1941.)

Já pela data aniversária natalícia do imortal patriota, no dia 16 de dezembro desse mesmo ano, lhe foram prestadas excepcionais homenagens inclusive pelo próprio Presidente Getúlio Vargas, que ordenou fosse distribuído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda a sua efígie a fim de ser apostada nas paredes dos principais quartéis e repartições militares, em festivas cerimônias.

E assim se procedeu. Brilhante foi, sem dúvida, a realizada na 1ª Circunscrição de Recrutamento, no Rio, o Quartel-General dos Reservistas do Brasil, sob a chefia do Coronel Pógi de Figueiredo, que fez ler, então, vibrante Ordem do Dia ressaltando o grande amor do poeta ao país que ele não se fatigou de cantar e engrandecer, através de suas estrofes gloriosas.

E dai pordavante jamais cessaram as expressivas demonstrações de gratidão ao inclito propugnador do Serviço Militar obrigatório e semeador das Linhas de Tiro por toda a nação brasileira.

A 19 de abril de 1966, o 1.º Presidente do Governo Revolucionário, Marechal Humberto Castelo Branco, baixa o seguinte:

DECRETO N.º 58.222 — DE 19 DE ABRIL DE 1966

Institui Olavo Bilac como Patrono do Serviço Militar

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, inciso I, da Constituição Federal, e considerando

— que Olavo Bilac foi o grande propugnador do Serviço Militar obrigatório, em favor de cuja adoção empreendeu uma campanha de âmbito nacional nos anos de 1915 e 1916;

— que seus poemas, a letra do Hino da Bandeira e seus discursos vibrantes constituem o catecismo cívico da juventude brasileira;

— que o sentimento do dever cívico se inspira nos momentos em que a Pátria tem a oportunidade de rememorar os seus vultos maiores, buscando em suas atitudes exemplos para as novas gerações, decreta:

Art. 1.º — É considerado "Patrono do Serviço Militar" — Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac.

Art. 2.º — Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de abril de 1966; 145^a da Independência e 78.^º da República.

H. CASTELLO BRANCO

Zilmar de Araripe Macedo

Arthur da Costa e Silva

Eduardo Gomes